



A FORÇA NAVAL E O COVID-19

Os desafios da Força Pronta em face da pandemia do COVID-19

FOTO: Deeper Blue / 123RF

Capitão de Fragata **EDÉSIO RAIMUNDO DE ASSIS JUNIOR**

Oficial de Operações - ComDiv-1
Graduado em Ciências Navais / Mestrado pela EGN

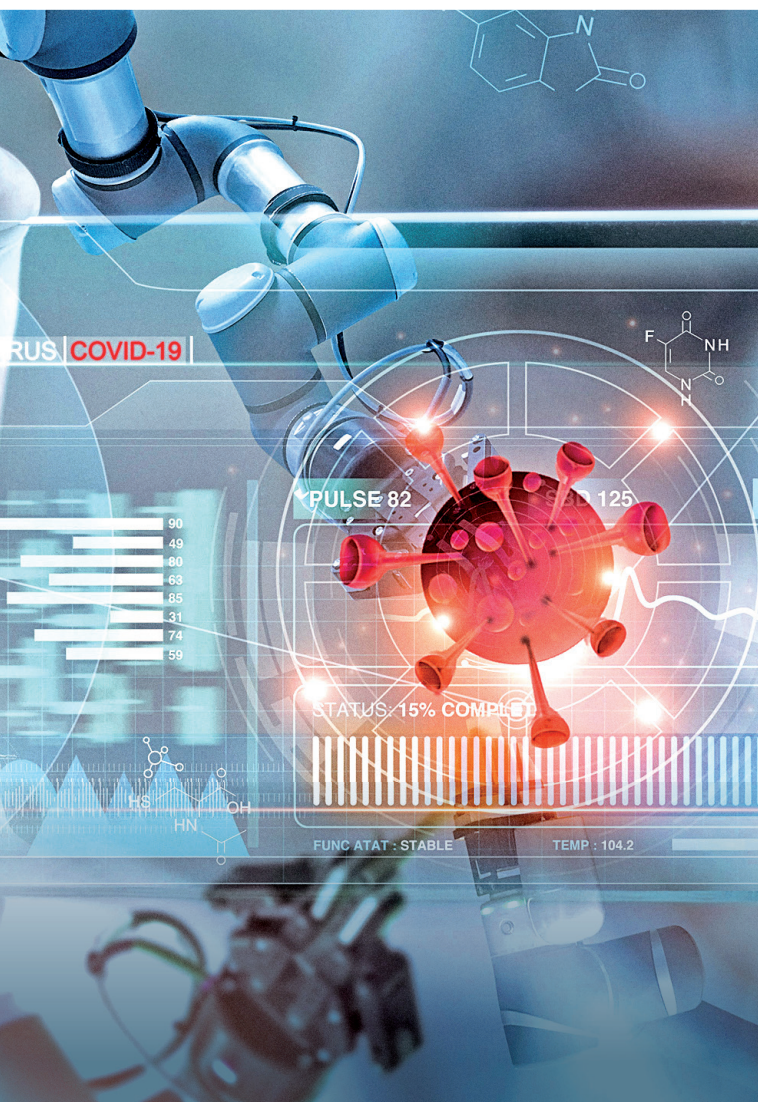
INTRODUÇÃO

O surgimento de uma nova ameaça à saúde humana, em escala global, no final de 2019, proveniente da cidade chinesa de Wuhan, tem desafiado os Estados nas ações de resposta para a preservação da vida dos seus habitantes.

Existe um histórico de epidemias que assolaram o mundo, em diversas épocas diferentes, como, por exemplo, a Varíola, “Peste Negra” e a “Gripe Espanhola”. Atualmente, o mundo se encontra mais interligado fisicamente do que no

passado. As fronteiras são rapidamente transpassadas pelos modernos meios de transporte que facilitam, também, a disseminação de doenças, transformando epidemias em pandemias numa velocidade maior do que a reação dos países.

Neste contexto, este artigo apresentará um histórico sobre as experiências colhidas pela Divisão Naval de Operações de Guerra (DNOG) no final da Grande Guerra, quando eclodia a pandemia da Gripe Espanhola, uma breve análise das ações desenvolvidas pela Marinha do Brasil (MB) para



evitar ou reduzir os efeitos produzidos pelo COVID-19 e pretende suscitar uma reflexão sobre o dilema da manutenção da disponibilidade do Poder Naval em face das ameaças de contaminação biológicas em escala regional/global.

HISTÓRICO

Ao final da Grande Guerra (1914-1918) observou-se o segundo maior número de óbitos em uma guerra, superada apenas pela Segunda Guerra Mundial neste aspecto. Estimava-se que tenham ocorrido, aproximadamente, 9,2 milhões de mortes em combate em todas as frentes. Mesmo que ofuscada pela guerra, a pandemia de *influenza*, conhecida como Gripe Espanhola, que tomou o globo entre 1918 e 1919, provocou mais mortes nos últimos meses da guerra que o total de óbitos em todo o conflito.

As estimativas de óbitos baseadas nos dados registrados apontaram para aproximadamente 20 a 50 milhões de mortes causadas pela Gripe Espanhola em uma época que a população mundial era um quarto do que existe hoje, tornando a pandemia de 1918 na crise de saúde pública mais devastadora da história recente.

Por ocasião da Grande Guerra, a DNOG representou a única Força Naval latino-americana a envolver-se no conflito. A DNOG suspendeu do Rio de Janeiro, em maio de 1918, sob o comando do Contra-Almirante Pedro Max Fernando de Frontin com uma Força Naval composta por oito navios: dois Cruzadores Bahia e Rio Grande do Sul, quatro contra torpedeiros (CT) Parahyba, Piauhy, Rio Grande do Norte e Santa Catharina, um transporte tênder Belmonte e um rebocador Laurindo Pitta para patrulhar a costa noroeste da África.

No final de julho, os navios agruparam-se em Fernando de Noronha. Cada homem, em cada navio, sabia exatamente o que fazer em qualquer emergência que adviesse. Finalmente, em 1º de agosto de 1918, às 8 horas da manhã, a DNOG suspendeu com destino a Gibraltar, a fim de varrer dos mares embarcações inimigas em seu percurso.

No dia 9 de agosto, a DNOG chegou em Freetown na Serra Leoa, onde permaneceu até 23 de agosto e alguns navios docaram em Dacar, no Senegal, em 26 de agosto, onde ficariam por alguns dias para descanso e reparos. No entanto, logo depois da chegada a Dacar, a pandemia de *influenza* atingiu a DNOG, infectando cerca de 90% das tripulações de alguns navios, sendo o CT “Parahyba” o navio mais contaminado, onde aproximadamente 14% dos homens a bordo morreram, observando-se o maior número de óbitos decorrente da enfermidade em um único navio de guerra, em todo o conflito (ALONSO, 2013).

IMPLEMENTAÇÃO DOS ESTUDOS NUCLEAR, BIOLÓGICA, QUÍMICA, RADIOLÓGICA E DE ARTEFATOS EXPLOSIVOS (NBQRe) NA MB

Não obstante as crises sanitárias que assolaram a humanidade, entre os séculos XIV e XX, existem, também, diversos históricos do uso de agentes biológicos como arma de guerra. Assim, ainda no século XX, as nações buscaram entendimentos em forma de tratados internacionais para o banimento dessas armas. Entretanto, medidas de prevenção, detecção e resposta a estas e outras ameaças correlatas foram desenvolvidas e adotadas por diversos países, inclusive o Brasil.

A entrada em serviço das fragatas Vosper Mk.10, renomeadas como fragatas Classe Niterói na MB, no final dos anos 70 rompeu paradigmas dos projetos anteriores, nos quais não havia a previsão de emprego dos navios em um possível ambiente de guerra com emprego de agentes nucleares, bioló-



FOTO: Marinha do Brasil

gicos e químicos. A nova concepção tecnológica trouxe consigo navios com ar-condicionado triplamente filtrado e com pressão interna positiva – conhecida como “Efeito Cidadela”.

Com os estudos implementados pelo Almirante Álvaro Alberto, durante o desenvolvimento do Programa Nuclear Brasileiro na década de 1970, foram incorporados à instituição conhecimentos sobre os efeitos do uso de agentes biológicos, químicos e radiológicos que materializaram as preocupações da MB sobre o tema.

O Brasil estabeleceu, em 2012, uma Estratégia Nacional de Defesa e uma Política Nacional de Defesa (END-PND), que definiram as bases para a Doutrina Militar Naval (DMN) referentes às ações de Defesa Nuclear Biológica, Química, Radiológica e de artefatos explosivos (NBQRe) da MB.

DEFESA NBQRe

No final do século XX, entre 1991 e 1992, por ocasião de uma investigação de uma equipe de Inspeção de Armas Biológicas da Organização das Nações Unidas (ONU), foram reunidas evidências de que o Iraque estaria em um estágio inicial de desenvolvimento de uma política de capacitação ofensiva em armas biológicas. Entretanto, não houve evidência do desenvolvimento de dispositivos que pudessem dispersar estes agentes sobre alvos, no entanto, por outro lado, uma realidade estarecedora veio à tona: a ocultação do desenvolvimento de armas biológicas é muito mais fácil que de programas semelhantes para armas químicas e nucleares, uma vez que a fabricação de armas biológicas consome menos recursos, aproveita equipamentos e materiais comumente utilizados para fins pacíficos como o desenvolvimento de vacinas (CGCFN-338, 2018).

As ações de defesa NBQRe compreendem o conjunto de medidas adotadas por uma Força Naval ou de Fuzileiros Navais com a finalidade de se opor a ataques realizados com o emprego de agentes NBQRe, visando à preservação da capacidade de combate, evitando, reduzindo ou eliminando os efeitos produzidos por estes tipos de agentes. Tais medidas de prevenção, detecção e reposta deverão, portanto, ser observadas antes, durante e após um ataque NBQRe (DMN, 2017).

Visando a dispor, na estrutura orgânica da MB, de uma organização militar vocacionada à coordenação e integração das atividades de Defesa NBQRe, foi criado, em 2014, o Centro de Defesa Nuclear, Biológica, Química e Radiológica da Marinha do Brasil (CdefNBQR-MB) (MB, 2018).

PRINCIPAIS AÇÕES REALIZADAS PELA MB ATÉ JUNHO DE 2020

No final de 2019, foi identificado o primeiro caso de uma infecção respiratória altamente contagiosa de origem chinesa, chamada inicialmente de 2019-nCov. Rapidamente ela se espalhou pelo planeta e obrigou todas as nações a adotarem ações de prevenção e resposta para impedir a sua proliferação.

O Governo Federal decretou estado de emergência sanitária nacional, em 04 de março de 2020. Assim, a MB colocou em ação as medidas de prevenção, detecção e resposta, estabelecidas na DMN, em atendimento à Família Naval, à população brasileira e à manutenção de sua disponibilidade operacional.



FOTO: folhadolitoral.com.br

A resposta é uma das medidas das ações NBQRe e abrange as tarefas da descontaminação e da proteção médica, tendo como propósito a mitigação ou eliminação dos efeitos de um ataque ou acidente NBQRe. As atividades de descontaminação englobam pessoal, material e áreas, enquanto para a proteção médica devem ser previstos os adestramentos de primeiros socorros e medicamentos específicos.

Diversas ações de natureza logística, decorrentes da evolução da pandemia, foram adotadas pela MB, bem como, aquisições de Equipamento de Proteção Individual (EPI), entre eles: macacões tipo Tyvek, luvas e máscaras, entre outros. Também foram estabelecidos protocolos e realizados adestramentos para capacitação do pessoal, visando à ampliação da capacidade de resposta frente a propagação do COVID-19.

Assim, ao se deparar com a pandemia, a MB buscou ampliar a capacidade de resposta do Serviço de Saúde da Marinha (SSM) à ameaça epidemiológica representada pelo novo COVID-19 inclusive com a ampliação do número de leitos de UTI no Hospital Naval Marcílio Dias e hospitais distritais para atender às necessidades da Família Naval em todos os Distritos Navais.

A MB, atualmente, apoia Operações de grande vulto, com destaque a Operação COVID-19 do Ministério da Defesa (MD) e conduz a Operação Grande Muralha, que é essencialmente de caráter logístico. A MB, também, vem atuando em diversas ações de desinfecção, em locais de grande circulação como estações de barcas, rodoviárias e aeroportos em apoio às medidas adotadas pelo MD.

MANUTENÇÃO DA PRONTIDÃO

A última vez que a MB se deparou com uma crise sanitária com potencial de mantê-la imobilizada em virtude da elevada letalidade foi há 102 anos, no final da Grande Guerra. Apesar de toda a tecnologia que a MB dispõe desde o final do século passado, a possibilidade de infecção proposital ou não, e a proliferação de um vírus em um navio de guerra pode comprometer a sua disponibilidade.

Cada Marinha tomou as medidas julgadas adequadas, dentro de suas doutrinas preestabelecidas, para lidar com o



dilema da Força Naval Pronta (meios e pessoal) *versus* Pandemia.

A Marinha Estadunidense (USN), além de outras medidas, manteve um Navio Aeródromo (CVN 69 *Dwight D. Eisenhower*) e um Cruzador (CG 56 *San Jacinto*), no mar por 161 dias ininterruptos, com a intenção de preservar suas tripulações da contaminação pelo COVID-19.

Durante toda essa pandemia, manter a prontidão de combate da Esquadra e garantir a segurança e o bem-estar de nossos marinheiros tem sido a minha principal prioridade. (Vice-Almirante Jim Malloy, Comandante da 5ª Esquadra, 2020).

A MB estabeleceu rígidos procedimentos voltados à manutenção da força de trabalho, minimizando a circulação do pessoal nos navios (30% a 50%) em rodízio, colocando em isolamento residencial os militares suspeitos de contaminação e os do grupo de risco, realizando desinfecções a bordo dos seus navios e os exercícios no mar, que se fizeram necessários, foram realizados sem visitas aos portos fora das sedes dos navios. Assim, a MB vem preservando a sua capacidade operativa, mantendo o aprestamento dos seus meios para realizar a sua missão constitucional.

Para o apoio às ilhas oceânicas como o Posto Oceanográfico da Ilha da Trindade, foram tomadas medidas adicionais como a testagem e a quarentena de quatorze dias de toda a tripulação do navio apoiador da Ilha, para garantir que o vírus não se propagasse naquela localidade.

Observamos as medidas adotadas por duas Marinhas, que encontraram soluções adequadas para permanecerem

prontas. Entretanto, durante esta pesquisa, foi observada uma hipótese para a manutenção da capacidade operacional baseada em, uma ou mais, tripulações imunizadas pela exposição ao vírus em uma contaminação controlada.

A observação de soldados australianos que experimentaram doenças respiratórias antes de 1918 e tiveram menores taxas de mortalidade durante a disseminação mais severa da *influenza* nos últimos meses de 1918, também indica a importância das infecções respiratórias prévias. Essa possibilidade é confirmada pela observação de que na Austrália, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos a mortalidade por pneumonia relacionada à *influenza* durante a segunda onda da pandemia em 1918 foi mais baixa entre enfermeiras e médicos que em qualquer outro grupo ocupacional, apesar de suas exposições contínuas a pandemia. (ALONSO, 2013)

Portanto, apresenta-se a seguinte questão: Em uma situação de crise político estratégica ou mesmo de conflito armado envolvendo o Brasil, seria válido e aceitável se buscar a manutenção da máxima capacidade operacional da MB, por meio de uma contaminação controlada de nossas tripulações? O dilema saúde *versus* capacidade operacional se evidenciaria.

CONCLUSÃO

Este trabalho se propôs a analisar se as ações adotadas pela MB na manutenção da sua prontidão e o emprego das Ações de Defesa NBQRe, no caso do combate à COVID-19, foram eficazes e cumpriram o estabelecido na DMN.

De forma abrangente e dinâmica, foram apresentados um histórico e as principais capacidades da MB para uma resposta a uma ameaça biológica. Nesse contexto, observamos os esforços de duas diferentes Marinhas no sentido de resolverem a questão do preparo do pessoal e da prontidão de seus meios frente a pandemia que se instaurou no globo.

Como resultado e remetendo à questão em análise, considerando que a forma da propagação viral não ser considerada um ataque, mas seus efeitos sendo equivalentes, conclui-se que as Ações de Defesa NBQRe contribuíram para a manutenção da capacidade operacional da MB, evitando ou reduzindo os efeitos produzidos pelo COVID-19 em acordo com a DMN.

Como provocação intelectual, baseado na experiência vivida pela DNOG em 1918, suscito o leitor à reflexão sobre o dilema de se ter uma Força Naval pronta *versus* controle epidemiológico. Tal dilema nos remete ao amadurecimento da hipótese de se buscar uma infecção controlada, levando a uma imunização forçada para a manutenção do aprestamento da MB em situação de crise ou conflito.

Referências:

AEROFILAP. Porta aviões e cruzador da Marinha dos EUA estabeleceram novo recorde para a força naval. *News*, jun., 2020. Disponível em: <<https://www.aerofilap.com.br/porta-avioes-e-cruzador-da-marinha-dos-eua-estabeleceram-novo-recorde-para-a-forca-naval/#:~:text=O%20porta%20Davi-C3%B5es%20USS%20Dwight,para%20a%20Marinha%20dos%20EUA>>. Acesso em: 2 jul. 2020.

ALONSO, Wladimir J.; SCHUCK-PAIM, Cynthia; SHANKS, G. Dennis; ALMEIDA, Francisco E. A. de. A alta mortalidade da pandemia espanhola na divisão naval em operações de guerra em 1918. In: *Revista Navigator*, v. 9, n. 17, 2013. (Publicado originalmente no Journal of Influenza and Other Respiratory Viruses em fevereiro de 2012. Direitos cedidos à Navigator em maio de 2013).

BRASIL. Ministério da Defesa. **Política Nacional de Defesa e Estratégia Nacional de Defesa**. Brasília, 2012.

GALANTE, Alexandre. Fragata Niterói foi destaque internacional quando entrou em serviço. *Poder Naval*, jun., 2019. Disponível em: <<https://www.naval.com.br/blog/2019/06/28/fragata-niteroi-foi-destaque-internacional-quando-entrou-em-servico/>>. Acesso em: 6 jul. 2020.

MARINHA DO BRASIL. Centro de Adestramento Almirante Marques de Leão. CAAML-1205: **Manual de Ações de defesa NBQR**. Niterói: CAAML, v. 2, 2009. p. 8.

_____. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN-338: Manual de Defesa Nuclear, Biológica, Química e Radiológica**. Rio de Janeiro: CGCFN, 2018. p. 12.

_____. Estado-Maior da Armada. **EMA-305: Doutrina Militar-Naval**. Brasília, 2017. p. 28.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). **Coronavírus**. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>>. Acesso em 14 maio 2020.

TESINI, Brenda L. Coronavírus e Síndromes respiratórias agudas (COVID-19, MERS e SARS). **Manual MSD: versão saúde para a família**, abr., 2020. Disponível em: <<https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/infec%C3%A7%C3%B5es/v%C3%AAdrus-respirat%C3%B3rios/coronav%C3%AAdrus-e-s%C3%AAdndromes-respirat%C3%B3rias-agudas-covid-19,-mers-e-sars>>. Acesso em 14 maio 2020.

